

ENTRE A FILOSOFIA E A LITERATURA: O TEMPO COMO REALIDADE INTERIOR EM BERGSON E PROUST

BETWEEN PHILOSOPHY AND LITERATURE: TIME AS AN INNER REALITY IN BERGSON AND PROUST

Maria Ester Martins Silva¹

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo discutir especificamente o tempo como duração interior em Henri Bergson, tese fundamental de sua obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, tendo como horizonte a noção de tempo psicológico, a qual difere totalmente do tempo externo, ou seja, do tempo espacializado. Exploraremos também a literatura de Marcel Proust, com sua obra *Em busca do tempo perdido*. Proust também pensa o tempo, em seu romance, a partir da realidade interior do personagem principal. No entanto, este trabalho não será para mostrar uma relação entre os dois autores, mas sim para evidenciar alguns temas que perpassam suas obras, por mais que diverjam em alguns pontos. Além da realidade interior, a questão da memória é um elemento importante tanto para o filósofo quanto para o romancista. Discutiremos a maneira pela qual a concepção bergsoniana da memória foi desenvolvida na obra *Matéria e memória*, bem como a memória proustiana foi contemplada no mencionado romance. Deste modo, a literatura do escritor francês surge como uma maneira de expressar o verdadeiro sentido do tempo vivido. O filósofo francês já fazia referências a um suposto romancista que tiraria o véu e nos colocaria diante da realidade de nossa vida interior, dos nossos sentimentos, da duração interior. É neste sentido que Bergson se aproxima da arte para expressar o conteúdo do eu profundo.

Palavras-chave: Realidade interior. Duração. Tempo vivido. Memória involuntária. Memória-recordação.

Abstract: This work aims to discuss specifically time as inner duration in Henri Bergson, the fundamental thesis of his work in *Time and free Will: an essay on the immediate Data of Consciousness*, having as a horizon the notion of psychological time, which differs totally from external time, that is, spatialized time. We will also explore the literature of Marcel Proust, with his work in *In Search of Lost time*. Proust also thinks about time in his novel through the inner reality of the main character. However, this work will not show a relationship between the two authors, but will highlight some themes that permeate their works, even though they differ in some points. In addition to inner reality, the question of memory is an important element for both the philosopher and the novelist. We will discuss how the Bergsonian conception of memory was developed in *Matter and Memory*, as well as how Proustian memory was contemplated in the novel. In this way, the French writer's literature emerges as a way of expressing the true meaning of lived time. The French philosopher already referred to a supposed novelist who would remove the veil and put us before the reality of our inner life, our feelings, the inner duration. It is in this sense that Bergson approaches art to express the content of the deep self.

Keywords: Inner reality. Duration. Time lived. Involuntary memory. Memory-recall.

¹ Mestranda pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista Capes. E-mail: ester.martins@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0240-6879>.

Duração enquanto experiência íntima do tempo

O que é o tempo? O que é a memória? Por que os afetos despertam em nós lembranças e, dessa forma, o tempo tende a fundir passado, presente e futuro? Aquilo que vivemos e sentimos pode durar? Todos esses questionamentos se instalam em torno do pensamento de Henri Bergson. Desde seu primeiro livro, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, publicado em 1889, Bergson já trazia em seus textos referências a um suposto “romancista audacioso”, o qual tiraria o véu e nos colocaria diante da realidade interna. Nesta obra, o filósofo francês pensa a noção de temporalidade atrelada à consciência. Essa concepção de tempo ficou conhecida como duração.

Com o surgimento dessa ideia de tempo, o *Ensaio* propõe uma duração psicológica, visto que Bergson mistura psicologia com metafísica, cabendo a esta duração a subjetividade, a interioridade e os sentimentos. O tempo da consciência, na ótica bergsoniana, está diretamente ligado à interioridade do sujeito, pela qual os sentimentos mais vívidos formam uma escala de tonalidades que vão ao encontro da experiência real do tempo. No entanto, aos poucos, ela é levada a perceber o mundo exterior a sua volta, e assim passa a fixar os conteúdos da realidade em que os objetos estão presentes, o que provoca uma quebra com a interioridade que lhe era própria. Logo, é por causa dessa constante mistura que se gerou um equívoco referente à consciência e à experiência verdadeira do tempo.

Assim, a consciência pode ou não apreender a duração, visto que a duração é a estrutura profunda da consciência. É no fazer-se de modo imediato que nasce propriamente o conceito da duração. Sendo assim, declara o filósofo:

A duração totalmente pura é a forma assumida pela sucessão de nossos estados de consciência quando nosso eu se deixa viver, quando ele se abstém de estabelecer uma separação entre o estado presente e os estados anteriores. Para tanto, não é preciso que ele se absorva por completo na sensação ou na ideia que passa, pois nesse caso, ao contrário, deixaria de durar. Também não é preciso esquecer os estados anteriores. Basta que, ao se lembrar desses estados, o eu não os justaponha ao estado atual como um ponto a outro ponto, e sim os organize com ele, como ocorre quando lembramos, fundidas, por assim dizer, em conjunto, as notas de uma melodia (Bergson, 2020, p. 69, grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que define a duração “pura”, ou seja, aquela duração que não tem participação direta com o misto da realidade, Bergson acrescenta às

características da duração uma metáfora, para “definir” seu fluxo. A metáfora é referente a uma melodia. Para explicar da melhor maneira, pensemos: quando participamos e ouvimos uma orquestra, percebemos um agrupamento de pessoas, cada um com seu instrumento, prontos para tocar em sintonia. Portanto, de início, podemos atentar-nos ao som de cada instrumento, distinguindo o toque e, assim, sucessivamente, como que por um processo de contagem, quantificamos cada nota musical. Aos poucos, passamos a não distinguir o som de cada um dos instrumentos, mas como que em uníssono deixamos de separar e ouvimos o conjunto, a harmonia propriamente sem intervalos.

A duração é contínua, seu fluxo se assemelha aos estados que se compenetraram no pensamento, no fluxo de consciência, nessa realidade movente. Bergson percebe que, além da duração, percebida pela consciência, há também um tipo de tempo que a consciência percebe, um tempo quantificável, caracterizado pela repetição e pelo processo maquinal. O bater dos ponteiros do relógio e conseqüentemente do passar do tempo, representa esse tempo mecanizado caracterizado pela imposição do espaço físico do qual estamos habitualmente familiarizados. E assim, associamos o passar das horas com algo que temos que fazer, já que o espaço remete ao aspecto de necessidade e utilidade da vida.

O tempo, para Bergson, não é uma forma do conhecimento, mas, pelo contrário, o conhecimento se dá no tempo, e a verdade, a realidade, deve estar inserida no fluxo do devir, do movimento, da própria mudança. Este tempo captado como duração, domínio do “eu profundo”, dá-se nos dados imediatos da consciência. Dessa maneira, é a forma de acesso à temporalidade originária; diferente da temporalidade criada pela inteligência, que tem como referência apenas as necessidades humanas, um tempo criado, estruturado, monitorado pelo relógio. A consciência, a temporalidade não pode ter momentos separados. A duração é esse elemento que permite que os momentos não sejam repartidos entre o antes e o depois, entre o ontem e o amanhã. Os momentos do tempo (passado, presente e futuro) se fundem uns nos outros, por uma interpenetração ou interiorização.

Em suma, a discussão do tempo e suas “não fases”, mas sua sucessão, deve-se principalmente à visão crítica de Bergson ao “tempo homogêneo”. A vida de alguém, como que por um divisor de águas, externaliza os momentos – que, a princípio, dentro da visão bergsoniana, a experiência é vivida, interna e sucessiva – no espaço onde tudo se conta e se divide superficialmente. Bergson percebe que há um nível de intensidade no campo da experiência interna, da profundidade daqueles sentimentos que sustentam a si mesmos, sem explicação da exterioridade, pelos quais os psicofísicos abandonam em seu

campo de pesquisa. Em vista disso, não é por acaso que Bergson lista os mais diversos tipos de sentimentos nas primeiras páginas de seu ensaio, caracterizados pelos *sentimentos profundos*, como a alegria, a paixão, a tristeza; ou ainda, o sentimento do belo, o sentimento moral, sentimento da graça, etc. Todos estes sentimentos não precisam necessariamente da explicação lógica do espaço para ter uma resposta de causa e efeito, por exemplo, pois eles têm relação íntima com a subjetividade, visto que a experiência profunda está diretamente ligada ao sujeito.

Ao descrever a duração de nossa vida interior, Bergson traça uma relação íntima com a linguagem estética. Na perspectiva da arte, abre-se então a possibilidade de assimilar a literatura, o filósofo se aproxima da arte para mostrar-nos como o fato da sucessão de estados, sem interrupção ou separação, aproxima-se ainda mais da qualidade pura. Isto permite que a intensidade dos estados de consciência nos leve ao sentimento estético. A aproximação entre sentimentos profundos e a experiência estética nos mostra um modelo pelo qual a filosofia bergsoniana tenta se espelhar cada vez que tenta caracterizar a duração, antes mesmo de denominá-la conceitualmente como uma “multiplicidade qualitativa”.

De acordo com Bento Prado Júnior, no primeiro capítulo de seu livro *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*, o filósofo francês já havia feito uma descrição do que entendia por duração, ao pensar os sentimentos como uma descrição da própria duração, uma descrição concreta. Neste sentido, especificamente os sentimentos estéticos descrevem a experiência vivida antes mesmo de a duração se tornar abstratamente um conceito. É a partir de experiências psicológicas que a natureza do tempo real ou da duração é revelada. Deste modo, Bento Prado Júnior alega a respeito da discussão do sentimento da graça, que os sentimentos profundos caracterizam a própria fluidez desse tempo real, que é a duração. Sobre o sentimento, Bergson afirma que

O próprio sentimento é um ser que vive, se desenvolve e, conseqüentemente, muda sem cessar. Caso contrário, não compreenderíamos como, pouco a pouco, poderia nos encaminhar a uma decisão; nossa decisão seria imediatamente tomada. Mas ele vive porque a duração na qual se desenvolve é uma duração cujos momentos se penetram. Ao separarmos estes momentos uns dos outros, ao

desdobrarmos o tempo no espaço, fizemos com que esse sentimento perdesse sua cor e animação (Bergson, 2020, p. 87).

Por conseguinte, a dinâmica dos estados internos se torna caracterizada pela identificação, seja em uma obra literária, ao assistir a um espetáculo de dança, ao ouvir uma música. Essa revelação estética tem proximidade com o fluxo interior, em uma sucessão, no eu que sente, que pensa, que muda. Mais uma vez, percebemos a duração sobre o enlace sucessivo entre os estados de consciência, relacionados ao da temporalidade, que penetra e passeia pelos momentos com movimento ininterrupto, constante. O sentimento estético se vincula à própria realidade do ser que vive.

O papel da arte na filosofia bergsoniana e, conseqüentemente, o do artista, tem esse comprometimento de despertar a narrativa, a melodia, a duração interior dos seres. A expressão artística nada mais é do que a própria atualização da interioridade ganhando forma. A profundidade, a realidade, ganham notoriedade no fazer artístico; e, com isto, o artista consegue demonstrar o aspecto fugidivo do tempo, isto é, a sua passagem. A referência à estética, em Bergson, por meio do sentimento estético, pode ser experimentada, vivida. Como afirma Paulo César Rodrigues, “Bergson soube enxergar na arte literária os indícios de uma afinidade entre a multiplicidade das imagens e a ‘multiplicidade qualitativa’ da vida psicológica, de modo que a literatura apenas representaria em seu pensamento a forma de discurso mais apropriada para descrever o eu concreto e a duração” (2013, p. 86). Colocando em questão a discrepância entre o tempo da consciência e o tempo do relógio, a fim de acentuar a construção da subjetividade do tempo, fazendo uma ponte entre filosofia e literatura, a partir da experiência do tempo interior na literatura, mais especificamente no romance de análise psicológica.

A memória involuntária na literatura de Marcel Proust e a memória bergsoniana

A memória tem um papel importante na literatura de Marcel Proust, escritor francês do século XX. Escrita entre 1909 a 1922, a sua obra monumental *Em busca do tempo perdido*, possui três mil páginas, divididas em sete volumes. A mastodôntica obra proustiana, como o título já supõe, tem como tema principal a questão do tempo. Conjuntamente a essa noção, Proust insere em sua literatura a questão da “memória involuntária”, elemento que nos interessa para este trabalho. Com essa obra, Proust

acentua sua escrita no gênero literário do realismo psicológico, que tem como pretensão a análise íntima da consciência dos personagens, e assim a introspecção psicológica é introduzida neste tipo de discurso. Além disso, Proust ficou conhecido por suas longas frases, uma escrita em que não há divisão de parágrafos, com descrição minuciosa e precisa de tudo.

Acompanhamos na obra a vida do protagonista Marcel, desde a sua infância, adolescência até a vida adulta. Em “*No caminho de Swann*”, o narrador, que é também o protagonista, conta-nos sobre sua infância em Combray, cidade em que viveu esse período de sua vida. A partir disso, percebemos que há um retorno ao passado, visto que o narrador nos conta sua história em um futuro distante do que está sendo relatado. O passado então advindo das lembranças de Marcel toma conta de todo o romance. Descobrimos que, após determinado evento casual, suas memórias despertam: quando Marcel toma um chá acompanhado de bolinhos típicos na França, nomeados de *madeleines*. O ato de mergulhar as *madeleines* no chá e levá-las até a boca é algo propriamente externo, o contato com algo comestível que possivelmente satisfaz suas necessidades. Assim, a percepção e a lembrança acontecem concomitantemente.

É inegável que, somente a partir do contato com a madeleine foi possível que Marcel de fato tivesse se transportado para a profundidade de seu espírito. O que estamos querendo esclarecer a partir disso é que o retorno ao passado, na obra de Proust, dá-se sempre em função do espaço, dos objetos, dos lugares, em contato com as pessoas, com paisagens, etc. Sempre a intervenção do mundo exterior provoca reflexões, lembranças no personagem principal. Para Natalie Aubert, o protagonista do romance parte de um esforço intelectual, especificamente em um determinado episódio, segundo Natalie “[...] o episódio da madeleine é um momento analítico, muitas vezes o esquecemos, onde o esforço para encontrar o sentido do prazer experimentado está claramente indicado no texto”² (Aubert, 2011, p.142). Notemos como Proust descreve a passagem que se dá logo

² “L’épisode de la madeleine est un moment analytique, on l’oublie souvent, où l’effort pour retrouver la signification du plaisir éprouvé est clairement signalé dans le texte” (Aubert, 2011, p.142). Segue traduzido o trecho da obra de Proust, selecionado por Natalie, para mostrar a passagem que acontece no momento experienciado pelo protagonista: “De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Que significaria? Onde apreendê-la? Bebi um segundo gole no qual não achei nada além do que no primeiro, um terceiro que me trouxe um tanto menos que o segundo. É tempo de parar, o dom da bebida parece diminuir. É claro que a verdade que busco não está nela, mas em mim. Deponho a xícara e me dirijo ao meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade. Quero tentar fazê-lo reaparecer. Pelo pensamento, retrocedo ao instante em que tomei a primeira colherada de chá, e encontro a mesma situação, sem qualquer luz nova. Peço a meu espírito mais um esforço, que me traga ainda uma vez a sensação que escapa” (Proust, 2003, p. 48-49).

em seguida que o protagonista do romance tem a experiência inusitada ao provar a madeleine:

Deponho a xícara e me dirijo ao meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade. Mas de que modo? Incerteza grave, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo; quando ele, o pesquisador, é ao mesmo tempo a região obscura que deve pesquisar e onde toda a sua bagagem não lhe servirá para nada. Procurar? Não apenas: criar. Está diante de algo que ainda não existe e que só ele pode tornar real e depois fazer entrar na luz (Proust, 2016, p. 55).

Reforça-se a tese de que o espaço externo é essencial para que, de fato, algo se revele ao espírito. É-lhe lembrado os domingos pela manhã em Combray, em que a tia de Marcel, Léonie, dava a ele as suas próprias madeleines. Este evento sucede involuntariamente essa extensão do passado no presente, seguido dessa junção entre percepção e lembrança, da qual faz Marcel sentir uma série de estados internos até então desconhecidos, isto é, o aparecer de memórias adormecidas que não estavam mais presentes na consciência adulta do protagonista. Apesar de Marcel ter a experiência tão viva de lembrar aspectos da sua vida na infância e sentir determinadas emoções, ele conta que se, no primeiro gole do chá, o que sentiu foi tão forte, do segundo gole para o terceiro já não era tão perceptível assim a tal alegria que sentiu ao primeiro contato com o chá.

A passagem que expomos mostra exatamente o momento em que Marcel tenta esforçar-se o máximo para capturar o movimento anterior. Porém, tudo o que toma forma na consciência não é capaz de durar por muito tempo vivo; depois de alguns segundos, perde sua forma. A profundidade desse sentimento toma forma e tonalidades, as quais precisam, de alguma forma, ser “gravadas”, descritas na folha de um papel para não deixar escapar aquela experiência. Por isso, a importância que Marcel encontra nos livros, tornando-se então não só um admirador da literatura como, também, durante o percurso da narrativa, tenta se tornar escritor. A busca pela verdade significa dizer que o escritor tem o compromisso de buscar a verdade de seu espírito, a todo momento ele está em busca dessa revelação. O romancista é aquele que se volta para dentro de si, de seu espírito, e procura descrever a sua verdade, aquela experiência íntima.

O livro é permeado de passagens que retratam a metalinguagem, principalmente quando o protagonista, durante a sua juventude, torna-se um grande entusiasta de um determinado escritor que sua família tem grande admiração pela escrita, Bergotte. A

literatura de Bergotte chama atenção de Marcel por instigá-lo à imaginação e também pelas referências à imagem através das artes, como a pintura, a escultura e a música. Marcel recorre à escrita de Bergotte, pois já que, com sua falta de habilidades para escrever como um bom escritor, bem como Bergotte, fazia-lhe pensar em “[...] quantas partes do universo que a minha percepção incompleta não poderia distinguir se ele não as pusesse a meu alcance” (Proust, 2016, p. 94).

Porém, na medida em que o protagonista vai criando maturidade ao envelhecer, adquire conhecimento sobre o mundo e formula suas próprias ideias críticas acerca da literatura de Bergotte. Com isto, aos poucos Proust vai deixando claro, ao tecer sua perspectiva a respeito da escrita literária, das artes, da imaginação, e principalmente quanto ao tempo e à memória. São comuns as descrições longas dentro do romance a respeito do fazer artístico. Por exemplo, há momentos em que o narrador descreve uma personagem e, a partir disso, podemos visualizar tal como se um pintor estivesse criando os detalhes, atribuindo formas as suas feições e a sua personalidade em um quadro.

Tais descrições imitam, de certo modo, a pintura impressionista dos grandes pintores que surgiram na França do século XIX, tendo como principal representante Monet. A narrativa proustiana faz parte do aspecto imprescindível do encontro fundamental da consciência e da natureza temporal, mediada pelo narrador, do qual afirma Franklin Leopoldo e Silva. E ainda reitera que Proust executa magistralmente em seu romance esse tipo de análise qualitativa. Logo, a experiência temporal se torna possível. O narrador proustiano parece pincelar em um quadro o movimento da temporalidade em que encontra a partir da sua percepção do mundo, dessa realidade sensível.

Logo, o processo da linguagem proustiana vai além do campo das significações habituais. Mesmo que o narrador, em meio aos grandes bailes da sociedade, no mundo que presentifica o eu superficial, no sentido de incitar as pessoas a afirmarem suas atitudes em relação ao útil, guiados pelo presente, da vida cotidiana, Marcel proporciona o momento de fuga ao ser considerado como o artista da sua própria história e daqueles que lhe cercam, pois ele é responsável pela ativação da percepção interna. Franklin Leopoldo aponta isto ao afirmar que aos moldes bergsonianos “[...] a percepção sensível significa a sensibilidade às transformações, sempre internas mesmo quando não se dão em nós mas nas coisas ou nos outros” (1992, p. 148). Os eventos da sociedade, como os bailes, têm um efeito de mascarar e distanciar o movimento do tempo no seu aspecto mais íntimo, aquele voltado para a interioridade da consciência.

Muitas vezes o narrador precisa estar sozinho para finalmente pensar sobre algum acontecimento que ocorreu, mas que não teve como parar sua vida mundana para concentrar-se naquilo que de fato importava. Assim, a rememoração aparece de forma inesperada, por meio da lembrança, e assim o passado se presentifica por efeito da memória involuntária. Como menciona Estela Sahm, é nessa relação de “[...] coexistência íntima de espaço e tempo e em seus desdobramentos, nas relações que o narrador estabelece entre suas próprias lembranças [...]” (2011, p. 55), que a criação ou recriação do tempo vivido evidencia-se. Além do mais, o livro também remete a diversas descrições do papel da criação artística, seja ela a literatura, a pintura, o teatro, etc., que se direcionam ao movimento criador de potencialidade que uma obra artística pode abranger.

Nesta perspectiva, Proust prefere a via dupla ao entender a experiência do tempo, isto é, os momentos profundos podem dar-se através de experiências externas como também pelas experiências internas, isso significa que as experiências do personagem podem decorrer, como expõe Roberto Machado em seu livro *Proust e as artes* (2022), tanto das impressões remetidas à imaginação, quanto das reminiscências remetidas à tão famosa *memória involuntária* proustiana. Essas experiências intensas e profundas se caracterizam, no primeiro caso, a partir do momento presente, da assimilação metafórica propiciada pela minha imaginação. Já no segundo caso, a experiência não se limita ao presente, as rememorações advindas pela sensação de algum objeto, suscita o passado, assim nossa consciência toma como pano de fundo essas reminiscências.

Nessa conjuntura, compreende-se que percebemos a passagem do tempo tanto por meio dos nossos sentidos, graças às percepções sensoriais dos objetos, como através dos sentimentos que conseguimos viver a mudança, da intensa e constante duração que implementa os diversos momentos da vida uns nos outros. Diferente da apreensão do tempo real em Bergson, o qual diante da perspectiva proustiana, estaríamos confundindo nossos sentimentos com causas externas que são estáticas (instância do *eu superficial*, como o nome já expressa, é aquele que se localiza na superfície do espaço, concentrado na exterioridade, na vida social), enquanto que os sentimentos estão em constante mudança (instância do *eu profundo*, representa a vida psicológica, a nossa interioridade, movida pela duração).

Na concepção do tempo proustiano há uma abertura para essas duas instâncias, ambas provocam em nós um alargamento da experiência temporal. Pode-se dizer que por mais que as duas instâncias sejam válidas para Proust, há um ponto em comum com Bergson quando Proust admite haver uma distinção entre os dois tipos de memória: a

memória voluntária, que é dependente do hábito, fruto da inteligência; e a memória involuntária que suspende a atuação do hábito, desperta o passado ligado a afetividade. As duas memórias elencadas por Proust, por conseguinte, a voluntária e a involuntária, assumem dois tipos de experiências referentes aos momentos profundos do personagem Marcel.

Em outras palavras, a memória involuntária não é somente evidenciada no tempo como inclusive em função do espaço, como alega Roberto Machado “[...] isso permite considerar o tempo proustiano como a quarta dimensão do espaço, isto é, permite perceber a relação profunda entre tempo e espaço [...] redescobrir o tempo perdido é, ao mesmo tempo, redescobrir o espaço em que esse tempo foi vivido” (2022, p. 75). O que significa pensar a quarta dimensão do espaço? Podemos concluir que, na medida em que Proust insere, por exemplo, a experiência sensível ao pensar simultaneamente o passado no presente, ou ainda, pensar o tempo através da espacialidade dos objetos, seria essa uma experiência extratemporal, isto é, uma experiência fora do tempo?

O extratemporal expresso pelo tempo proustiano, tal como afirma Roberto Machado, não seria de fato uma experiência que transcende o tempo e os seus momentos, ou que eterniza os instantes. Pelo contrário, a experiência do extratemporal proustiano revela um tempo, ou melhor, “[...] um instante imobilizado entre o presente e o passado, uma parada momentânea no fluxo irreversível do tempo. É a atualização do passado no presente que lhe dá valor de eternidade”. Roberto continua explicando a eternidade em Proust, segundo ele significa dizer que “[...] é a simultaneidade, a coexistência de dois instantes que abole o tempo no sentido de tempo sucessivo, destruidor” (2022, p.73). Curioso perceber a interpretação de sucessão e simultaneidade para Proust, os quais claramente diferenciam-se da visão de Bergson³.

A intenção, todavia, não é a de igualar o pensamento desses dois pensadores, pelo contrário, estamos refletindo sobre questões que perpassam o pensamento de cada um deles, pontos que coexistem, mas que não são necessariamente idênticos. Por exemplo, perceber a descrição proustiana dos lugares e das pessoas que afetam e despertam diretamente o tempo interior. Logo, a realidade temporal se dá por meio da rememoração

³ Brevemente, a simultaneidade, para Bergson está ligada ao espaço, do contar momentos no tempo espacializado. Já a sucessão caracteriza melhor a duração, que é o tempo real e contínuo. Para citar Bergson, a simultaneidade pode ser entendida como algo *fora de mim*, diz ele “[...] quando sigo com os olhos, no mostrador de um relógio, o movimento do ponteiro que corresponde às oscilações do pêndulo, não meço a duração, como costumamos acreditar; limito-me a contar simultaneidades, o que é bem diferente” (Bergson, 2020, p. 73). Já a sucessão é percebida *em mim*, a duração consiste nesse “[...] processo de organização ou de penetração mútua de fatos de consciência”.

e dos sentimentos que acompanham essas reflexões vividas. O ponto de encontro, portanto, em relação à questão da memória involuntária proustiana e a memória bergsoniana como vamos discutir a partir de agora, pensamos que seja propriamente a duração que perpassa a consciência e a realidade exterior.

É notável que a percepção tem um papel fundamental no estímulo da memória, Proust não somente usa a memória involuntária em seus romances, mas também a voluntária, aquela que advém do esforço, do hábito que permite haver uma prolongação da emoção sentida por tal lembrança. De qualquer maneira, os artistas, tal como Bergson os caracteriza e como Proust interpreta em seu romance inserem no mundo sua percepção alargada, pois enxergam a realidade de forma diferenciada. A descrição dos sentimentos está fortemente presentes na narrativa proustiana. Em uma passagem, Proust menciona como os sentimentos de um personagem conotados pelo romancista podem, de forma imagética, atingir a alma do leitor. Vejamos:

Mas todos os sentimentos que nos fazem experimentar a alegria ou a desgraça de uma personagem real só ocorrem em nós por intermédio de uma imagem dessa alegria ou dessa desgraça; a engenhosidade do primeiro romancista consistiu em compreender que, no aparelho das nossas emoções, sendo a imagem o único elemento essencial, a simplificação que consistiria em suprimir pura e simplesmente as personagens reais seria um aperfeiçoamento decisivo. Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele, em grande parte só o percebemos através dos sentidos, isto é, permanece opaco para nós, oferece um peso morto que nossa sensibilidade não consegue erguer (Proust, 2016, p. 85-86).

O interior da consciência do personagem consiste nessa temporalidade, que qualifica os estados de consciência e os integra nessa duração contínua que se dá por meio da virtualidade. Humphrey defende que é por meio da consciência que tomamos conhecimento da experiência humana, e o artista, no caso o romancista, a consciência basta para suas invenções. Humphrey argumenta também que o romancista “[...] não deixa nada de fora: sensações e lembranças, sentimentos e concepções, fantasias e imaginações – e aqueles fenômenos muito pouco filosóficos mas consistentemente inevitáveis a que chamamos intuições, visões e introspecções (1976, p. 6-7). Desta maneira, faz sentido pensar a ideia da interioridade vinculada à memória.

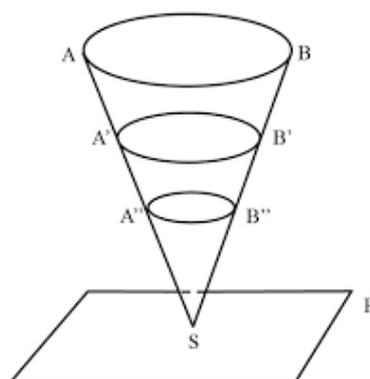
Vamos agora entender a discussão que Bergson faz da memória. A divisão clássica entre passado, presente e futuro ganha uma nova explicação na perspectiva bergsoniana, a começar pela noção de percepção e lembrança. Em *Matéria e memória*,

seu segundo livro, publicado em 1896, Bergson estabelece dois tipos de memória: a *memória-hábito* e a *memória-recordação*. A primeira não precisamente remete ao passado; se precisa dele é apenas para efetuar mais uma ação do que para rememorar, em forma de lembrança, o que aconteceu. É como se fosse uma ação pronta, a fim de praticar algo que necessite no momento. Como diria Bergson, essa memória “encena” o que já passou, como se por um ato automático pudesse habituar e encenar aquilo que foi com o agora, de forma “inteligente”. Portanto, requer um pouco de esforço para que os movimentos passados se efetuem.

Já a segunda forma da memória está mais ligada definitivamente à consciência, à experiência interior, ao vivido. A *memória-recordação* é, para Bergson, a que tem mais validade para o real, ao tempo da consciência, definida por imagens-lembranças. Não requer esforço e não se tem uma finalidade para praticar uma ação ensaiada ou encenada, como é típico da primeira memória. Ela integra todo o passado e é também aqui que o sentido verdadeiro de *duração* ganha forma.

Neste sentido, evocar o passado seria uma experiência profunda, interior, querer olhar para aquilo que é inútil e nos faz sonhar, e descartar o que é utilitário. Logo, não poderíamos deixar de colocar a célebre figura do cone que o filósofo francês elabora e nos explica como se apresenta a memória e todos os outros elementos constitutivos da sua teoria do conhecimento. Imediatamente somos levados a entender como funciona a integração do corpo também como uma memória, só que diferente em graus da memória do espírito. Observemos a figura do cone:

Figura 1 - Cone de representação da memória (II)⁴



Fonte: Bergson (2010, p. 190).

⁴ (Bergson, 2010).

Conforme vemos na figura 1, o cone apresentado por Bergson em seu livro *Matéria e memória*, explica que, em um cone SAB, do qual a base AB representada pelo nosso passado conteria as lembranças, o vértice S figura o presente e a nossa percepção dele a todo instante. O crescimento desse cone indica a todo momento que o passado se constrói incessantemente em nossa memória. Podemos perceber a representação das duas formas de memória. A memória advinda do espírito, da consciência, a memória-lembrança, e, de outro lado, a memória-hábito, a memória do corpo, do presente. A astúcia de Bergson foi inserir o corpo também na duração. Apesar do ritmo, do grau diferente, o corpo também participa enquanto memória.

Afirma Frédéric Worms, o intuito de Bergson era unificar as duas memórias usando a figura do cone, na medida em que nos mostra que “[...] é o corpo que se integra ao espírito, porque o presente puro não existe, ou antes, porque nossa consciência do presente é já memória, por causa da duração, que a passagem do tempo supõe como memória imanente” (Worms, 2010, p.178-179). Ora, isso advém da premissa de que Bergson alega que toda percepção está impregnada de lembrança. O fato é que a explicação do cone dá abertura à reiteração das duas memórias por uma unidade, e essa unidade é a própria duração. Ou seja, Bergson constata que o movimento consiste não mais somente na duração interior, mas afirma todo o real como duração.

A partir dessa designação de duração, Bergson entende que a consciência significa memória, e memória significa passado. Pensar como ocorre a divisão do tempo pelo olhar da teoria bergsoniana é algo totalmente inovador e diferente do que foi postulado pela tradição filosófica anterior à Bergson. Para ele, é por meio da memória que o espírito se define. Conseguimos visualizar como a memória conserva o nosso passado por completo, integralmente, e também é capaz de sintetizar o passado e o presente tendo em vista o futuro. Consequentemente, pensar em memória bergsoniana supõe dizer que memória é passado.

Toda percepção é já memória, só podemos concluir e reafirmar a descrição do presente como sendo aquilo que praticamente não podemos fixar, porque ocorre de estarmos imersos em um passado constante, portanto, todo presente é já passado. O presente consiste no passado imediato, e mais uma vez Bergson nos assegura que a realidade é constituída pelo que já passou. Nossa consciência, nossa realidade interior no que convém ao tempo da consciência, é lugar de rememoração; as imagens-lembranças ganham forma com o passado iminente. No texto “Introdução à metafísica” que aparece pela primeira vez na *Revue de Métaphysique et de Morale*, em 1903, e posteriormente

dentro de seu livro *O pensamento e o movente*, publicado em 1934, Bergson comunica que “[...] a duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente” (1974, p. 31).

No plano da ação, o cérebro guia a vida nos caminhos direcionados especificamente para a vida prática, enquanto que no plano do sonho, a vida parece desvencilhar, “afrouxar”, abranda os segmentos centrados de uma vida de necessidades, que o presente tende a nos determinar a fazer escolhas. O cérebro é caracterizado por um centro de ação. Isto porque ele é de todo um órgão de atenção à vida, à ação, ao momento presente. Isto porque o momento do sono, direcionado aos sonhos, influencia na abertura do eu profundo, relaxando a atenção centrada na vida prática e dando espaço à liberdade da consciência e, conseqüentemente, do passado.

Este prolongamento ou inserção do passado no momento presente é um pensamento exclusivo da teoria da memória em Bergson, a qual nos permite entendermos que há um tipo de coexistência entre o presente e passado, e não meramente uma sucessão de fatos ou de momentos que percorrem a linha do tempo, isto é, que seguem uma cronologia temporal. É o que afirma Deleuze, em um texto intitulado *A memória como coexistência virtual*⁵, ao dizer que instalamo-nos em um misto mal analisado quando nos perguntamos sobre como as lembranças se conservam. Deleuze alega que “A duração é certamente sucessão real, mas ela só é isso porque, mais profundamente, ela é coexistência virtual: coexistência consigo de todos os níveis, de todas as tensões, de todos os graus de contração e distensão (2012, p. 51).

Neste sentido, o presente não para de passar. Portanto, o presente não é, visto que sempre que achamos que o agora é, o agora deixou de ser e virou passado. Nesta perspectiva, o passado não para de ser, ele é o que tem de mais vívido na nossa consciência. Algo curioso de pensar nessa filosofia do tempo é que, para ele, o passado nunca foi presente e, conseqüentemente, a lembrança não se cria após o presente ter passado. Pelo contrário, presente e passado acontecem concomitantemente.

E o que dizer sobre o futuro? Em outra coletânea de textos, especificamente no livro *A energia espiritual*, há uma conferência apresentada por Bergson na Universidade de Birmingham, em 29 de maio de 1911, intitulada *A consciência e a vida*. Nesta conferência, o filósofo declara que a duração é composta de passado e futuro, isto porque “[...] o que realmente percebemos é uma certa espessura de duração que se compõe de

⁵ Texto contido na obra *Bergsonismo* (Deleuze, 2012).

duas partes: nosso passado imediato e nosso futuro iminente. Sobre esse passado estamos apoiados, sobre esse futuro estamos debruçados” (2009, p. 5-6). Por esta noção, a conjuntura da consciência se constitui pela conservação do passado e pela antecipação do futuro, imbricados à uma duração em que as divisões entre passado, presente e futuro se tornam uma continuidade, sem separações.

Nesta alusão à coexistência entre passado, presente e futuro permite que ao mesmo tempo possibilite uma coextensividade à vida, pois a consciência é coextensiva à vida. Por fim, o recurso de voltar ao passado é uma forma de perceber o movimento temporal dinâmico da memória, e a partir da coexistência dos tempos e dos sentimentos profundos, Bergson garante, assim, que sua filosofia se aproxime mais da linguagem expressa pela literatura.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo discutir o tempo como realidade interior na filosofia de Henri Bergson e na literatura de Marcel Proust. De início, mostramos a discussão desenvolvida por Bergson em seu livro *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, no qual o autor apresenta o conceito de duração psicológica e debate a questão do tempo, enquanto movimento interior. Em seguida, explicitamos a importância dos sentimentos profundos, pois, através deles, o filósofo nos mostra como o ritmo da duração corresponde ao ritmo contínuo dos sentimentos. Por fim, a noção de memória veio para identificar o movimento interior transmitido pela duração e, dessa forma, a memória coincide com a duração. As três dimensões do tempo – passado, presente e futuro – mostraram que, tomando em consideração o desenrolar diferencial do artifício da memória, desfez-se a noção de tempo nessa ordem linear na qual estamos acostumados a nos guiar.

É a partir do elemento da memória que o problema da discrepância entre o tempo da consciência e o tempo do espaço é colocado em evidência e nos permite efetivar nossa discussão. Com a discussão sobre a memória, ficou evidente que Bergson a utilizou mais do que como um artifício para lembrar algo que se passou, muito menos como um local de agrupamento de lembranças guardadas em uma gaveta. A memória aparece como o elemento pelo qual a interioridade se expressa, e ainda pelo qual o espírito tem experiência de si. Isso quer dizer que é pela memória que o espírito se define. Consequentemente, sendo a memória o elemento responsável por revelar a natureza mais

intrínseca de todo ser humano, buscamos mostrar como o elemento da memória é caracterizado na literatura de Marcel Proust.

Obviamente identificamos algumas diferenças entre a literatura de Proust e a filosofia de Bergson em relação ao significado do tempo e da memória, visto que o romance proustiano compreende a memória vinculada à espacialização do tempo, na medida em que, o espaço homogêneo, marcado pela inteligência, tal como é concebido no pensamento bergsoniano, tem um papel importante na concepção das impressões sensoriais apreendidas a partir dos objetos. Mas, por outro lado, a literatura se mostrou suficiente enquanto forma artística para representação do tempo da consciência defendido por Bergson e, conseqüentemente, a literatura como expressão da vida. Foi possível, através disso, aproximar tempo e memória a partir do romance psicológico na literatura de Marcel Proust, o que nos permitiu fazer todos esses entrelaçamentos com o pensamento filosófico de Henri Bergson e sua filosofia da duração.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Natalie. Proust et Bergson: la mémoire du corps. **Revue de Littérature comparée**, 2011/2 (n°338), p. 133-149. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2011-2-page-133.htm>. Acesso em: 02 jul 2023.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- BERGSON, Henri. **A intuição filosófica**. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2020.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência**. Tradução de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Bergson, Proust: tensões do tempo. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 141-153, 1992.
- PRADO JÚNIOR, Bento. **Presença e Campo Transcendental: Consciência e Negatividade na filosofia de Bergson**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- MACHADO, Roberto. **Proust e as artes**. São Paulo: Todavia, 2022.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

RODRIGUES, Paulo César. Psicologia, metafísica e literatura: a descrição dos sentimentos profundos em Bergson. **Revista Transformação**. v. 36, n. 1, p. 81-100, 2013. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/2917>>. Acesso em: 10 jul 2023.

SAHM, Estela. **Bergson e Proust**: sobre a representação da passagem do tempo. São Paulo: Iluminuras, 2011.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. Tradução de Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

Recebido em: 31/07/2023

Aprovado em: 08/03/2024